

## **PERCEPÇÃO DA PATERNIDADE E ADOÇÃO NO CONTEXTO DA HOMOAFETIVIDADE: UM ESTUDO COM HOMENS PAIS**

Esly Nascimento de Medeiros (1); Lanna Jennifer Elias Pereira (1); Talina Bandeira Tavares da Nóbrega (2); Flávio Lúcio Almeida Lima (3)

(UNINASSAU. eslymedeiros@gmail.com)

### **Resumo:**

A adoção é um assunto que gera muitos debates e controvérsias, especialmente nos âmbitos jurídico e psicossocial. A relação adoção-paternidade-homossexualidade nos remete à reflexão, visto que a sociedade tem sofrido transformações no âmbito da família e dos papéis sociais. Este estudo teve como objetivo analisar a percepção da paternidade e da adoção em homens-pais no contexto da homoafetividade. Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. A amostra utilizada foi do tipo não probabilístico por conveniência. Participaram cinco homens-pais homossexuais, na faixa etária de 35-55 anos, que adotaram crianças. Foram usados como instrumentos uma entrevista semiestruturada contendo perguntas específicas sobre o objeto de estudo em questão; e um questionário sociodemográfico com questões sobre idade, renda, ocupação etc. A análise das entrevistas foi processada segundo procedimentos de inclusão em Categorias Temáticas *ex post facto*. A análise sociodemográfica sinalizou a heterogeneidade dos dados entre os participantes, o que significa que, embora façam parte de realidades distintas, os questionamentos e vivências apresentam-se de forma semelhante para todos. Da análise das entrevistas emergiram as seguintes classes temáticas: Paternidade, Família, Processo adotivo e Educação. Essas categorias auxiliaram no processo de compreensão da temática proposta. Este estudo demonstrou que homens homossexuais são potencialmente tão aptos à paternidade quanto os heterossexuais de prover uma estrutura sólida e frutífera para o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo de uma criança e/ou adolescente. A sociedade tem caminhado para uma maior compreensão e aceitação desta que é uma das diversas possibilidades de família na atualidade.

**Palavras-chave:** Paternidade, Homoafetividade, Adoção.

### **Introdução**

A adoção ainda é um assunto instigante que gera muitos debates e controvérsias, especialmente no que diz respeito aos âmbitos jurídico e psicossocial. No tocante à relação adoção, paternidade e homossexualidade parece existir certo grau de complexidade, que nos remete à necessidade de maior reflexão, visto que a sociedade tem sofrido grandes transformações no âmbito da família e dos papéis sociais de homem e mulher. Fala-se em transformações dos modelos de família e das relações familiares. O que temos é uma diversidade de família que ressalta novas formas de ser pai.

Mesmo diante de avanços e conquistas, percebe-se a persistente discrepância entre os processos de adoção por casais homossexuais e os processos que envolvem casais heterossexuais. Fato esse que em muito se deve a visão heteronormativa da família que comumente se entende como

“ambiente adequado” para o crescimento de uma criança/ adolescente. Em consequência, a pessoa homoafetiva parece ficar como “segunda opção” em processos de adoção. Questionam-se os benefícios ou supostos malefícios que podem causar a educação de crianças e/ou adolescentes por pessoas homossexuais que os adotam.

A partir desta convivência, partilham-se experiências que possibilitam o reconhecimento e significação de símbolos abstratos como o afeto, o amor, a aceitação, o compartilhamento de ideias, limites e espaços, o cuidado e tantos outros princípios que não necessariamente se podem adquirir por meio de conhecimentos teóricos, mas que são abarcados com teor experiencial (SARTI, 2004).

Pensar a família é discutir complexidades e subjetividades, de acordo com Sarti (2004) ao nos debruçarmos sobre essa temática é inevitável projetar o núcleo familiar em que se está inserido e definir “família” de acordo com o que para nós seria ideal. No entanto, é necessário saber que, ao estudar um tema tão abrangente quanto esse, o confronto com aspectos e situações atípicas sem desconsiderá-las será necessário; entendendo que as referências individuais são relativas quando consideramos a diversidade de experiências. Tendo em vista tal pressuposto, segundo o mesmo autor, a família é um terreno fértil, diverso e livre de toda normatividade.

Percebe-se que a família vem adquirindo novas formas de organização sem perder, no entanto, o papel de fonte primária na formação e manutenção de condutas frente às questões da vida. Sendo vista dessa forma a família se distancia consideravelmente das definições de família medieval a qual era entendida e valorizada mais pelo fato moral e social que pelos laços afetivos e sentimentais. Nesse modelo de família, as crianças ficavam com os pais somente até os nove anos e, depois, para se familiarizarem com o serviço doméstico, moravam na casa de outras pessoas, afastando-se de suas famílias ainda muito novas, regressando somente na idade adulta ou não (ARIÈS, 1981).

Acerca do papel social e moral no qual a família estava inserida, Rodrigues (2013) ressalta que a concepção de matrimônio como via de produção de filhos era tão importante que os casais que não podiam ter filhos eram discriminados pela sociedade. Podemos perceber através de relatos históricos a dificuldade que havia em se construir laços afetivos existenciais entre pais e filhos no modelo familiar medieval, visto que o objetivo da família tinha muito mais a ver com o sentido social e econômico do que afetivo propriamente dito (ARIÈS, 1981).

Essa fluidez e flexibilidade são justificadas quando entendemos que as diversas formas de família e as transformações sofridas por ela refletem principalmente o desejo inato do ser humano de ser feliz. Felicidade que pode ser possível nos dias de hoje graças às mudanças sociais, como a facilidade para o divórcio, a inserção feminina no mercado de trabalho, a aceitação gradativa por parte da Justiça às relações homoafetivas e a sua compreensão às novas adaptações decorrentes dessas mudanças (FURBINO, 2014).

Embora seja ainda muito forte a representação social entre homens e mulheres, estudos apontam mudanças significativas na leitura das subjetividades que se desenvolvem na dinâmica das relações de pessoa para com pessoa. Dentre as mudanças está a forma de enxergar a figura masculina paterna, que hoje se permite ocupar funções afetivas que até então não lhe eram atribuídas (HALL, 2004).

Ao longo dos anos a definição de paternidade tem sofrido transformações que variam entre culturas e sociedades. O aprendizado e a vivência da paternidade traspassam as paredes do lar e da consanguinidade nos contextos por onde transitam os seres humanos. Contextos esses regidos por culturas que conseqüentemente moldam nossas ações, valores e sentimentos (SIQUEIRA, 2009).

Com isso, abandonamos o modelo rígido da paternidade para concebermos uma figura paterna mais flexível, afetuosa, aberta ao diálogo franco, inclusive sobre questões que geram tabus na sociedade, aptos às tarefas domésticas; homens mais sensíveis, cooperando na desconstrução de estereótipos que perduraram de geração em geração e que enquadraram o ser masculino como o provedor financeiro, incapaz de participar ativamente em questões subjetivas e ou afetivas (SIQUEIRA, 2009).

No entanto, Freitas et al. (2009) apresentam um marco nas mudanças da figura paterna quando comentam que a visão inerte do papel do pai, tornando-o incapaz de relacionar-se à administração do lar, passa a ser reconhecida pela sociedade que diversificou e trouxe abrangência a esse conceito, marcando o fim do antigo modelo patriarcal, considerando a paternidade como o momento no qual o homem pode desenvolver-se e aprimorar subjetivamente sua relação com a vida.

Percebe-se, portanto, que essa nova realidade desconstrói estereótipos e antigas crenças relacionadas às teorias obsoletas, nas quais o gênero masculino é sujeito desprovido de qualquer tipo de doçura ou capacidade com o cuidado de uma família também na esfera afetiva. Ao contrário,

homens e mulheres, pais e mães, possuem potencialmente os mesmos recursos para proporcionar ao sujeito sob sua guarda as condições imprescindíveis para que haja autonomia e a construção e manutenção de ambientes saudáveis e promissores. Tais afirmações relacionam-se perfeitamente com qualquer pessoa, sem distinções de raça, religião ou orientação sexual (FREITAS et al. 2009).

Schultz e Schultz (2013) explicam que, Rogers, através de seus estudos, acreditava que a formação da criança seria influenciada por diversos estímulos e fatores externos, dentre eles o ambiente familiar, a saúde, as condições econômicas e culturais, o meio social, o nível de educação etc. Seguem explicando que, segundo Rogers, havia também a influência de fatores internos potenciais, como o autoconhecimento, que funciona como autoaceitação de sua essência e realidade, constatando que o nível de autoconhecimento do ser humano constituía-se como um fator determinante do comportamento.

Assim, não podemos assegurar que o modelo de família e ou ambiente possam ser por si só determinantes para a construção da identidade de qualquer pessoa, visto que a subjetividade é inerente ao mesmo ser humano. Ainda sobre este autoconhecimento, Rogers e Kinget (1975) são claros quando falam que, com o funcionamento ótimo da personalidade o processo de avaliação da pessoa não se submete às influências externas.

Quanto mais esta criança ou adolescente for aceita e envolta em afeto mais será fortalecida uma relação na qual ele mesmo poderá utilizar-se para firmar seus próprios alicerces existenciais, na qual esta criança ou adolescente compreende que o seu valor independe de sua condição, de seu comportamento ou dos seus sentimentos e emoções (ROGERS, 2014).

Isso, de certa forma, pressupõe que o modelo rígido de criação ao qual fomos expostos durante a infância, muitas vezes castrador, mostra-se ultrapassado em diversos aspectos e não deveria ser entendido como a fonte que exerce papel determinante na formação de uma ou outra personalidade, mas apenas pode favorecer ou não o desenvolvimento do self (SCHULTZ; SCHULTZ, 2013).

Proporcionalmente existem grandes questionamentos acerca de um sofrimento psíquico posterior à adoção dessas crianças/adolescentes por pessoas homossexuais. Pensando desta forma, faz-se necessária a pergunta: É mais justo que essas crianças fiquem em orfanatos ou marginalizadas ao invés da possibilidade de ser membro de uma família homoafetiva? Esta

possibilidade pode adiar o sonho dessas crianças de habitar em família. E a negativa dificulta a possibilidade de que recebam cuidados individualizados, atenção, conforto, carinho, amor e afeto e todas as condições importantes para o desenvolvimento. (FERREIRA; CHALHUB, 2011).

No que diz respeito à adoção de crianças/adolescentes por pessoas homossexuais Santos e Bourne (2016) afirmam que, embora os estudos sobre esta temática sejam recentes, os resultados indicam pouca diferença nos pontos de vista psicológico e comportamental entre os filhos de casais heteroafetivos e homoafetivos, além de outros estudos que apontam resultados até mais positivos para filhos de pessoas homoafetivas.

De forma clara, Guimarães (2015) ressalta que o principal e maior objetivo a ser alcançado numa família adotiva é o de que a criança/adolescente possa viver num ambiente propício para o seu bem estar; o que não depende necessariamente de um espaço físico, mas dos indivíduos que constituem esse lar também.

As condições de um ambiente acolhedor e favorável ao bem estar das pessoas que constituem a família são premissas para que a convivência seja frutífera e favoreça o apego e a formação de laços afetivos. A homoafetividade não é citada pelas teorias jurídicas da paternidade nem pelas psicológicas como um fator que inviabilize a formação de laços afetivos entre pais adotivos e crianças/adolescentes adotados. A sexualidade, por conseguinte, não pode ser levada em consideração quando o objetivo é avaliar as condições do ambiente familiar de forma geral (FUTINO; MARTINS, 2006).

Este estudo tem como objetivo geral analisar a percepção da paternidade e da adoção por homens-pais no contexto da homoafetividade e como objetivos específicos analisar a percepção da paternidade em homens homossexuais que vivenciam a adoção de crianças, descrever experiências vividas e discutir fatores positivos e negativos da adoção enfrentados por homens homossexuais que adotaram crianças.

## **Metodologia**

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa de campo, do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos (RICHARDSON, 1989).

Considerando que a presente pesquisa foi feita com a população geral, a mesma realizou-se na cidade de João Pessoa – PB, em ambientes públicos (praça, logradouros, ruas, avenidas, etc.). Foi consultado o Centro de Cidadania LGBT da cidade de João Pessoa – PB com o intuito de buscar indicações de participantes para o estudo.

A amostra utilizada no estudo foi do tipo não probabilístico por conveniência. Neste sentido, participaram cinco homens-pais homossexuais, na faixa etária de 36-50 anos, que adotaram crianças e/ou adolescentes. Foram utilizados como critérios de inclusão: 1. Ser homossexual; 2. Ter idade entre 35-50 anos; 3. Ter adotado formalmente criança ou adolescente. Como critérios de exclusão foram considerados: 1. Não responder os instrumentos; 2. Não ter assinado o TCLE e 3. Não ter adotado formalmente criança ou adolescente;

Foram utilizados como instrumentos o questionário sócio-demográfico e uma entrevista semi-estruturada, que foi focalizada em um assunto sobre o qual foi construído um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

A entrevista semiestruturada foi guiada segundo a técnica de livre enunciação (FIGUEIREDO, 1998) que compreende três etapas consecutivas: Evocação; Enunciação; e Averiguação.

## **Resultados e Discussão**

A análise sociodemográfica sinaliza a heterogeneidade dos dados entre os participantes. O que indica que, embora façam parte de realidades distintas, os questionamentos e vivências se apresentam de forma semelhante para todos. Participaram cinco homens-pais homossexuais, na faixa etária de 35-55 anos, que adotaram crianças, dentre eles, um professor de ensino médio, um médico, um professor de ensino superior e psicólogo, um aposentado e um psicólogo.

Tratou-se de uma amostra no contexto de pais homossexuais adotivos, o que pressupõe relativo conhecimento acerca das questões trabalhadas na pesquisa a partir de suas vivências.

É pertinente destacar que a maioria dos pais possui nível superior de escolaridade, assim como possuem renda maior que três salários mínimos. Isso pode indicar que na adoção a escolaridade e a renda são variáveis importantes e que o momento profissional e econômico dessas pessoas pode ter influenciado na decisão pela adoção.

**Quadro 1:**

CLASSES TEMÁTICAS	CATEGORIAS	FALAS
PERCEPÇÃO DA PATERNIDADE	Vocação	<p><i>“A paternidade pra mim era assim... sabe coração, que você precisa ter pra viver? Era a paternidade pra mim. Não existia a possibilidade de eu não ser pai. Eu ia ser pai. Não importasse como fosse eu ia ser pai.”</i></p> <p>Pedro.</p>
	Desafio	<p><i>“Quando chegou no quarto, que eu me vi com aquele bebê, que eu disse: pronto! Eu não sei fazer nada... Tudo muito novo.”</i></p> <p>Fábio.</p>
	Família	<p><i>“Família não necessariamente inclui paternidade, mas paternidade inclui família. Eu posso ter uma família sem ter</i></p>

Fonte: próprio autor

**Quadro 2:**

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	FALAS
PERCEPÇÃO DA ADOÇÃO	Motivação	<p><b>XIII</b></p> <p><b>Decisão em conjunto</b></p>	<p><i>“Ele disse: ‘eu quero adotar’. E eu já estava encantado com ele e ele comigo. E quando eu disse: ‘eu quero também’, aquilo parece que foi assim, um decreto.”</i></p> <p>Pedro.</p>
		<p><b>Influência do companheiro</b></p>	<p><i>“Na verdade, eu não tinha essa pretensão de adotar uma criança e, aí, o meu companheiro já tinha esse sonho de ser pai (...), porque eu não gostava de crianças. Eu tinha aversão. (...). E quando eu vi Juju e vi a necessidade de que ela tinha de ter um lar e ter alguém que cuidasse dela, eu de imediato abracei ela como filha (...).”</i></p> <p>Miguel.</p>

<b>Dificuldades</b>		<b>Burocracia</b>	<i>“A demora, a burocracia, os mínimos detalhes que... ‘Junta isso daqui’. Ai, você vai lá... Volta... ‘Ah, mas tá faltando</i>
---------------------	--	-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<i>isso daqui... Vai lá...’ Isso desgasta demais... Desgasta demais... ‘Agora, já passou do prazo, tem que fazer de novo...’”</i> Carlos.
		<b>Falta de aceitação pela família</b>	<i>“Minha família não quis muito aceitar essa história.”</i> João.

### Quadro 3:

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIAS	FALAS
<b>PERCEPÇÃO DA PATERNIDADE SENDO HOMOSSEXUAL</b>	<b>Estereótipos de gênero</b>	<i>“A vendedora perguntou pela mãe da criança, disse que a criança não pode entrar num trocador com um homem.”</i> Miguel.
	<b>Preconceito</b>	<i>“Mas existe muito, muito preconceito também. Eu sofri preconceito. Disseram: filho de gay, gayzinho é.”</i> Fábio.

Fonte: Próprio autor

### Conclusão

Este estudo demonstra que homens homossexuais estão potencialmente tão aptos à paternidade quanto os heterossexuais, pois são capazes de prover uma estrutura sólida e frutífera para o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo de uma criança e/ou adolescente. Embora ainda enfrentem certo tipo de preconceito frente à sociedade, as pessoas têm caminhado para uma maior compreensão e aceitação desta que é uma das diversas possibilidades de família na atualidade.

### Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução D. Flaksman – 2 ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.



FERREIRA, Luís Henrique. *A paternidade sócio-afetiva*. Lins, 2008.

FIGUEIREDO, M. A. C. (1998). Escalas afetivo-cognitivas de atitude. Construção, validação e interpretação dos resultados. In G. Romanelli & Z. M. M. Biasoli-Alves (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre prática da pesquisa* (PP. 51-70). Ribeirão Preto, SP: Legis-Summa.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. *Famílias homoafetivas*. São Paulo, p. 27, 2004.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcante da; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; GUEDES, Rebeca Nunes; LUCENA, Kerle Dayana Tavares de; COSTA, Ana Paula Teixeira. *Paternidade: Responsabilidade social do homem no papel de provedor*. Revista de Saúde Pública, João Pessoa, v.43, n.1, p. 85-90 2009.

FURBINO,Z. (8 de Dezembro de 2014). *Saúde Plena*. Disponível em:<<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/12/08/noticias-saude,191054/novas-configuracoes-de-familia-trazem-desafios-de-lidar-com-realidades.shtml>>. Acesso em: 06 Jun 2017.

GUIMARÃES, Fabrício França Oliveira. *O direito de adoção por casais homoafetivos*. Brasília, 2015.

HALL, S. A identidade cultural na pós modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RODRIGUES, Daniele Vanzan Elias. *Adoção de crianças por casais homossexuais*. Rio de Janeiro, 2013.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas, Vol. 1* – Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa* – 6ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 38-214, 2014.

ROGERS, Carl R. STEVENS, Barry. *De pessoa para pessoa*, 2ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, p.103-120, 1967.

SANTOS, Elder Cerqueira; BOURNE, Justin. *Estereotipia de gênero nas brincadeiras de faz de conta de crianças adotadas por casais homoparentais*. Bragança Paulista, 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. *O jovem na família: O outro necessário*. In: Vannuchi, Paulo e Novaes, Regina (org.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; p. 115-129, 2004.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *Teorias da Personalidade - Tradução da 9ª Edição Norte-americana*. São Paulo: Cengage Learning, p.285 – 290, 2013.

